

signos geográficos

Boletim NEPEG de Ensino de Geografia

ISSN: 2675-1526

www.revistas.ufg.br/signos

A GEOGRAFICIDADE DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS REPRESENTADA PELA MÚSICA

THE GEOGRAFICITY OF YOUTH AND ADULT EDUCATION STUDENTS
REPRESENTED BY MUSIC

LA GEOGRAFICIDAD DE LOS ESTUDIANTES DE EDUCACIÓN PARA JÓVENES Y
ADULTOS REPRESENTADOS POR LA MÚSICA

Amélia Regina Batista Nogueira

Universidade Federal do Amazonas, Amazonas, Brasil

ab.nogueira@uol.com.br

Eluana Carvalho da Silva

Secretaria de Estado de Educação e Desporto, Amazonas, Brasil

eluana_carvalho@hotmail.com

Resumo: O texto é resultado de pesquisa cujo objetivo foi compreender de que forma a música, como linguagem, manifesta o sentido de Geograficidade dos sujeitos no mundo e como essa linguagem pode contribuir com o entendimento de uma Geografia dos lugares. Os sujeitos da pesquisa foram 125 (cento e vinte e cinco) estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), divididos entre os anos finais do ensino fundamental, com idade entre 16 e 62 anos, de uma Escola Municipal de Manaus. A metodologia fundamentou-se na perspectiva fenomenológica, partindo das experiências dos estudantes e de suas percepções sobre o Brasil, descrito, por sua vez, através da linguagem musical, de músicas que os estudantes consideraram que descrevem o país tal qual ele é. Além da linguagem musical, tivemos a produção de Mapas Mentais, tomando como referência para a construção, as letras das músicas escolhidas por cada um. Para compor aqui o resultado final, apenas quatro mapas mentais com suas respectivas músicas, foram incluídos. A escolha deu-se utilizando como critério de inclusão as faixas etárias escolhidas de forma aleatória, pois consideramos que todo o material tinha importância de conteúdo. Como resultado observou-se ser a música, na Geografia, um despertar para imaginação sobre lugares não vivenciados e que estimula as percepções dos lugares vividos e revela as topofilias e Geograficidades que ligam os sujeitos a seus lugares de existência, daí ser uma linguagem que contribui na compreensão e no ensino da Geografia brasileira.

Palavras-chave: música, percepção, Brasil, lugar.

Abstract: The text is the result of a research whose objective was to understand how music, as a language, expresses the sense of Geography of subjects in the world and how this language can contribute to the understanding of a Geography of places. The research subjects were 125 (one hundred and twenty-five) students of Youth and Adult Education (EJA), divided between the final years of elementary school, aged between 16 and 62 years, from a Manaus Municipal School. The methodology was based on the phenomenological perspective, departing from the students experiences and their perceptions of Brazil, described, in turn, through musical language, of songs that students considered to describe the country as it is. In addition to the musical language, we had the production of Mind Maps, taking as reference for the construction, the lyrics of the songs chosen by each one. To compose the final result here, only four mind maps with their respective songs were included. The choice was made using as inclusion criteria the age groups chosen at random, as we considered that all the material had content importance. As a result, it was observed that music, in Geography, is an awakening to the imagination about unexperienced places and that stimulates perceptions of the places experienced and reveals the topophilia and geographicalities that link subjects to their places of existence, hence it is a language that contributes in understanding and teaching Brazilian geography.

Keywords: music, perception, Brazil, place.

Resumen: El texto es el resultado de una investigación cuyo objetivo fue comprender cómo la canción, como lenguaje, expresa el sentido de la Geografía de los sujetos en el mundo y cómo este lenguaje puede contribuir a la comprensión de una Geografía de lugares. Los sujetos de investigación fueron 125 (ciento veinticinco) estudiantes de Educación de Jóvenes y Adultos (EJA), divididos entre los últimos años de la escuela primaria, con edades comprendidas entre los 16 y los 62 años, de una Escuela Municipal de Manaus. La metodología se basó en la perspectiva fenomenológica, partiendo de las vivencias de los estudiantes y sus percepciones de Brasil, descritas, a su vez, a través del lenguaje musical, de canciones que los estudiantes consideraron para describir el país tal como es. Además del lenguaje musical, contamos con la producción de mapas mentales, tomando como referencia para la construcción, la letra de las canciones elegidas por cada uno. Para componer el resultado final aquí, solo se incluyeron cuatro mapas mentales con sus respectivas canciones. La elección se realizó utilizando como criterio de inclusión los grupos de edad elegidos al azar, por considerar que todo el material tenía importancia de contenido. Como resultado, se observó que la canción, en Geografía, es un despertar a la imaginación sobre lugares inexpertos y que estimula las percepciones de los lugares vividos y revela las topofilia y geografías que vinculan a los sujetos con sus lugares de existencia, de ahí que sea un lenguaje que contribuye a la comprensión y enseñanza de la geografía brasileña.

Palabras-clave: canción, percepción, Brasil, sitio.

Introdução

O texto é parte das inquietações para compreender como a música pode contribuir no ensino da Geografia para além de um recurso didático, levando o discente, enquanto sujeito pleno de subjetividade, a transcender no sentido de conseguir perceber e representar graficamente o seu lugar Brasil. No percurso da pesquisa realizada percebemos que os estudantes, ao fazerem relação a uma música, expressam sua Geograficidade em relação ao

lugar. Além disso, partimos do princípio de que ensinar Geografia começa sempre com o resgate dos saberes geográficos que o aluno possui, mediante aquilo que ele já aprendeu com a vida que vive e o espaço geográfico que o cerca, sendo a música uma forma de fugir das “práticas de ensino rotineiras”, sabatinada muitas vezes por livros didáticos. Ferreira (2012, p. 19) destaca a música como elemento cultural com o poder de induzir o discente à percepção, à concentração, à criatividade e aproximação com a realidade do lugar.

Desta forma, a categoria lugar será, aqui, nosso conceito-chave, por ser na concepção geográfica humanística dotado de significado para indivíduos ou grupos sociais. Conforme afirma Tuan (2012), é a categoria geográfica que mais se aproxima dos valores, dos significados e dos sentimentos construídos pelo homem no espaço. Para Dardel (2011), é a expressão de uma “Geograficidade” que, segundo ele, “são as maneiras pelas quais sentimos e conhecemos os ambientes, como nos relacionamos com os espaços vividos e com as paisagens, construídas e naturais”. Atribuímos, portanto, através de nossa Geograficidade conceitos de bom ou ruim as nossas experiências com o local.

Ao propormos aos discentes a elaboração de Mapas Mentais do Brasil, foi observado que estes os representam a partir de sua relação de intersubjetividade, a maneira como eles o percebem é que foi representado nos mapas, são nessas relações intersubjetivas que a imagem do lugar vai sendo construída. Aqui, concordamos com Merleau-Ponty (1999) ao destacar o mundo como espaço vivido. Sobre Geograficidade, nos fundamentamos na proposta de Eric Dardel para quem esta seria a manifestação existencial dos seres com a Terra e com o mundo. Quanto ao entendimento de percepção, fomos buscar em Maurice Merleau-Ponty (1999). A partir dessas leituras procuramos entender a relação entre Geografia e música.

A pesquisa foi do tipo qualitativa de caráter participativo. Consideramos que esta, entre outras questões, tratou-se de um estudo de experiências vividas, de comportamentos, emoções e sentimentos. Ressaltamos que o texto discute o resultado de pesquisa realizada em uma escola municipal de Manaus, com estudantes da EJA, trabalhadores da cidade. Não temos a pretensão de fazer desta discussão uma proposta metodológica de como trabalhar Geografia no ensino da EJA. Os sujeitos da pesquisa foram cinco turmas de vinte e cinco estudantes da EJA do ensino noturno, logo, cento e vinte cinco participantes, com idades entre 16 (dezesseis) à 62 (sessenta e dois) anos, cursando há época da pesquisa o quarto e quintos anos do Ensino Fundamental I. Após contato e permissão da gestora da escola e do professor de Geografia das turmas, nos inserimos e nos colocamos como pesquisadoras, passando a vivenciar as aulas de Geografia do Brasil, o que nos oportunizou abriremos uma discussão sobre a linguagem da música nas aulas.

Os procedimentos metodológicos no “campo” foram construídos a partir de três momentos: no primeiro realizamos contato com os alunos, as devidas apresentações e discussão sobre o projeto da pesquisa e de como eles estariam envolvidos. No decorrer desse momento, iniciamos os procedimentos metodológicos com as divisões em grupos focais, com interesse em conhecer os discentes através de suas histórias de vida e suas percepções sobre o Brasil, aqui já tomamos como referência as canções escolhidas de acordo com o gênero musical pessoal de cada um. Para esse procedimento, todos os 125 alunos indicaram suas músicas e fizeram um pequeno texto em que descreveram suas histórias de vida e o porquê da música indicada. O segundo momento, consistiu na produção de mapas mentais, ainda aqui, todos os estudantes produziram mapas que eles traçaram a partir das músicas que haviam indicado e que os fazia pensar e perceber o Brasil, como seu lugar. Vale ressaltar, que esses dois momentos, foram recheados de muitos diálogos e de imersão no cotidiano escolar daqueles trabalhadores-estudantes, que nos envolveram com a imagem que eles têm de um Brasil que não se ensina, mas, que eles vivem. No terceiro momento tivemos as apresentações dos mapas mentais, feitos pelos estudantes, com as diferentes visões e “experienciações” de um Brasil, belo, com diferentes paisagens e de múltiplas identidades culturais, mas com fragilidades no campo social, político e ambiental. As diversas músicas como forma de representação do lugar-Brasil promoveram o despertar de emoções e sentimentos, vivenciados dia após dia pelos estudantes em suas experiências e vivências no lugar e com o lugar.

Para esse ensaio, selecionamos quatro mapas mentais com suas respectivas músicas. Utilizamos como critério de escolha as faixas etárias escolhidas de forma aleatória, pois se considera que todo o material tinha importância de conteúdo. Como resultado observou-se ser a música, na Geografia, além de um despertar para imaginação sobre lugares não vivenciados, um despontar das topofilias e Geograficidades que ligam os sujeitos a seus lugares de existência, daí ser uma linguagem que contribui na compreensão da Geografia brasileira.

Pretende-se contribuir, ainda, com uma discussão teórico-metodológica que aponta como que a compreensão do mundo, não se dá somente pela linguagem da ciência, podendo ser revelado pela música. Assim também, os mapas aqui, não foram produzidos geometricamente, mas os produzidos a partir de percepções dos lugares vividos, revelando referências pessoais e culturais.

O lugar que se revela na existência

O “lugar” é uma categoria fundamental para o estudo da Geografia. No entanto, ele só retomou sua importância para a disciplina a partir da década de 1970. Desde a inserção da Geografia como disciplina acadêmica – a partir de uma ideia positivista da ciência – o lugar foi eventualmente estudado pelos geógrafos, porém voltado para o sentido da localização. Ainda nas primeiras décadas do século XX, estudos de Carl Sauer procurou desvincular o conceito de lugar dessa significação, porque ele via a disciplina geográfica como um conhecimento que estava “além da ciência”, ou seja, que não devia necessariamente trilhar os caminhos preconizados pelos positivistas (HOLZER, 1999). Podemos observar que, entre outros aspectos, a Geografia é marcada pela crítica de cunho lógico-positivista que enquadra o mundo em teses e teorias “fechadas”, na qual os homens são analisados como mais um elemento da equação ou teorema, ou segundo as palavras de Mello:

O mundo simples e ‘certinho’ dos positivistas difere do(s) mundo(s) vivido(s) analisados pelos humanísticos, atento aos valores e ambivalências dos seres humanos, que não são máquinas. Nos estudos humanísticos há uma troca constante entre pesquisado e pesquisador, estes diferentes dos sábios fechados em suas redomas de conhecimentos (e teorias), imerso e inserido nas experiências investigadas, adotando uma filosofia crítica e refletida, com vistas a aclarar a consciência espacial dos seres humanos (MELLO, 1991, p. 22-23).

Portanto, segundo Mello (1991), os estudos humanísticos buscam uma ciência que parta de pressupostos filosóficos, tais como: a fenomenologia, o existencialismo, o idealismo e a hermenêutica, analisando por meio destas a relação e o pertencimento dos indivíduos com seu ambiente.

Estudos sobre o lugar apontam para caminhos semelhantes entre o que os fenomenólogos chamam de “mundo” e o que os geógrafos humanistas denominam de “lugar”, considerado ser este um conceito-chave na Geografia. Tuan (2013) apud Holzer (2009, p. 6) enfatiza em uma de suas obras, conhecida como *Espaço e Lugar, a Perspectiva da Experiência* que espaço e lugar definem a natureza da Geografia. Mas o lugar tem uma importância ímpar, pois, se, para as técnicas de análise espacial, o lugar se comporta como um nó funcional, para o humanista, ele significa um conjunto complexo e simbólico, que pode ser analisado a partir da experiência pessoal de cada um – a partir da orientação e estruturação do espaço, ou da experiência grupal (intersubjetiva) de espaço. Portanto, entendemos que, nas significações para pessoas, lugar é mais concreto que espaço.

Ainda para o Tuan (2013, p.110), o lugar, em sua acepção mais difundida, corresponde a todo e qualquer espaço dotado de valor simbólico para um indivíduo ou grupo, valor

conferido através da experiência vivida entre sujeito e espaço. Assim, o lugar na Geografia passa a ter mais que um sentido locacional, é o lugar da existência, do vivido.

Ter refletido nessa pesquisa as questões relacionadas ao conceito de lugar na Geografia, possibilitou-nos entender como esta categoria faz parte das experiências sentidas e percebidas pelos estudantes que expressaram as suas percepções, as suas Geograficidades em relação ao Brasil, tendo como aporte a música. Neste sentido, reconhecemos a música para além de um recurso didático, entendida como uma expressão cultural que transcende os muros da escola, da racionalidade e da dureza da linguagem científica, e absorve o mundo vivido do aluno, fazendo-o interagir com uma linguagem que o representa, e que o ajuda a refletir sobre o seu lugar, no caso aqui apresentado, o lugar-Brasil.

Propomos compreender a Geografia do mundo e seus lugares, a partir de um diálogo com a música e a ciência geográfica. Assim, na intenção de contribuirmos com as questões do ensino de Geografia, aproximarmo-nos dos alunos da EJA, cidadãs e cidadãos brasileiros(as), adultos(as), trabalhadores e trabalhadoras, que, muitas vezes, observam seus lugares, da janela de sua condução para o trabalho, para a escola, na volta para casa, nas breves saídas para visitar parentes. Ou, como migrantes, na busca por melhores condições de vida, que buscam lugares pelas estradas e pelos rios brasileiros. As linguagens de aproximação foram as músicas que descrevem poeticamente o Brasil, e as linguagens gráficas consideradas foram seus mapas mentais sobre o Brasil.

A música enquanto arte que canta, encanta e educa

A música é velha como a humanidade, e a dança a mais velha de todas as artes. Contudo, a sua história é de fato a mais curta e nova (PAHLEN, 1965, p. 17), isso porque possuímos monumentos de bronze e de pedra que nos testemunham culturas desaparecidas. Apenas com a música isso é diferente. Se pararmos para refletir entenderemos que o homem nasceu em um mundo repleto de sons, o trovão, o vento e a chuva, são simples representações naturais de som que a humanidade ouviu e ouve. O homem aprendeu a combinar esses sons, formando um todo que é a arte musical.

Pahlen (1965, p. 15) explica que a música, a partir da sua estruturação enquanto arte, possui vários “feitiços” com efeitos que se estendem desde o despertar dos mais nobres sentimentos até o desencadeamento dos mais baixos instintos, desde a concentração devota até a perda da consciência que parece embriaguez. Ainda como forma de feitiço, na música podemos destacar o sedutor, visto com receio pelos filósofos. Segundo Loureiro (2003, p. 36).

A música poderia exercer sobre os homens poder maléfico ou benéfico, por imitar a harmonia das esferas celestes, da alma e das ações. Com seu encanto sedutor, poderia conduzir perniciosamente o homem através de um complexo de emoções não recomendável, como também teria condições de realizar o inverso, contribuindo de modo eficaz, para a educação da juventude. Daí a necessidade de se colocar a música sob a administração do estado, sempre a serviço da edificação espiritual humana, voltada para o bem da polis, almejada como cidade justa.

Além disso, a música, assim como as demais artes, possui a capacidade de expressar visões diversas de mundo e, como uma produção cultural, pode ser vista e compreendida a partir da ótica da espacialidade (CORREA, 2009). Nesta ótica da espacialidade, muitos historiadores, entre eles Candé (1994), apontam a música na antiguidade impregnada de sentido ritualístico, pois, por meio dela, dava-se a comunicação, e nessa época o sentido da música era comunicar-se com os deuses e com o povo, ou seja, a música como forma de linguagem capaz de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos (BRASIL, 1998, p. 45).

Quando o assunto é música e ensino, é surpreendente a expansão espacial e histórica que atinge, sendo utilizada pelos gregos, romanos, chineses e egípcios. O destaque vai para os gregos que estudavam a música como uma fonte de sabedoria indispensável ao homem livre. Eles não admitiam a música ser praticada ou usada no ensino de forma desinteressada, porque era para eles uma forma de arte e uma maneira de ser e pensar que tornava o ensino mais prazeroso (LOUREIRO, 2003, p. 34), bem como uma forma de estarem mais próximos das divindades, um caminho para a perfeição, formando uma totalidade.

As tragédias gregas encenadas eram inteiramente cantadas acompanhadas da lira, da cítara e de instrumentos de sopro denominados aulos. Um destaque importante na antiguidade foi Pitágoras, um grande filósofo grego que descobriu as notas e os intervalos musicais, ampliando a dimensão da acústica sonora. Ainda destaca Loureiro (2003, p. 43) que, na educação, os gregos valorizavam as experiências de vida de cada pessoa, por isso buscavam uma educação plena, vinda de dentro do aluno e baseada não apenas nos livros, mas na música. Portanto, com a difusão da música nos grandes impérios e suas transformações culturais a partir da Idade Média, esta deixou de ser unicamente ligada ao sagrado, passando a representar a cultura de um povo e suas mais diversas manifestações, seja através do sentimento de alegria ou de tristeza.

Como podemos perceber o educar pela música já era uma prática nas antigas civilizações e que continua se fazendo presente na contemporaneidade. Nossa intenção com a pesquisa, e que apresentamos aqui nesse texto, foi de demonstrar a forte proximidade que

existe entre a linguagem da música e a linguagem da Geografia, quando ambas descrevem o mundo e seus lugares. No cotidiano da sala de aula, o professor de Geografia tem diante de si o desafio de transformar as aulas em um momento propício para despertar o senso crítico dos alunos, e a oportunidade de escapar das práticas pedagógicas ditas “tradicionais”.

Como o tradicional não necessariamente significa o velho, o antigo, o superado, buscamos retomar essa antiga tradição, e investigar como a linguagem musical leva as pessoas a descreverem seus lugares e a viajarem por outros, além de construírem lugares imaginados, desejados e se posicionarem criticamente a partir de seus gostos musicais.

Sendo as experiências vividas, variadas e contraditórias entre as pessoas, as paisagens e os lugares, variadas também são suas percepções a respeito do mundo. Logo, em se tratando de gosto musical, variadas também são as músicas que melhor traduzem a relação de cada um com o mundo, que melhor demonstra a Geograficidade que cada um constrói na relação com as paisagens e os lugares.

A Geograficidade, fundamentada em Dardel (2011), refere-se “às várias maneiras pelas quais sentimos e conhecemos ambientes em todas as suas formas, relacionando com os espaços e as paisagens, construídas e naturais, sendo a base e recursos das habilidades do homem para as quais há uma fixação existencial” (DARDEL, 2011, p. 24).

A partir dessas proposições, consideramos a possibilidade que levou o aluno a perceber na música a sua relação de Geograficidade com seu lugar. Ao entrarmos em contato com os estudantes da EJA (jovens e adultos trabalhadores), percebemos que a possibilidade de falar e descrever suas paisagens e o modo de viver, a partir de músicas de sua preferência e que traduzem para eles o país, gerou um interesse, pois perceberam que, através dessa linguagem, poderiam aprender um pouco da Geografia do Brasil que se ensina.

Os alunos ficaram ainda mais entusiasmados em participar da pesquisa quando colocamos a eles e elas a possibilidade de falar de uma Geografia vivida e experienciada por eles no seu cotidiano, no que conhecem e observam. Assim, também nos sentimos desafiadas a construir uma Geografia, a partir do conhecimento experienciado por cada um dos estudantes, traduzidos pela linguagem das músicas que estes conhecem e que também foram representadas por eles através de seus mapas mentais. Os estudantes, ao se envolverem com a pesquisa, perceberam-se como pesquisadores e sujeitos que fazem a história e a Geografia. Foi assim que se descobriu um Brasil descrito e representado pelos estudantes da EJA, a partir da linguagem da música e mapeada com seus mapas mentais.

A música como representação da Geograficidade: o Brasil nos mapas mentais dos alunos da EJA – Manaus/AM

Antes de demonstrarmos os resultados apontados pela pesquisa, queremos apontar o que entendemos por Mapas Mentais, pois sabemos que muitos estudiosos trazem diferentes definições em torno dessa ferramenta de pensamento. Cartas mentais, mapas cognitivos, desenhos mentais, são algumas das denominações trazidas em tais estudos, mas há de se enfatizar que tais definições e abordagens muitas vezes dialogam entre si de modo a se complementarem.

Nogueira (2014, p. 93), diz que, no campo das contribuições teóricas, alguns pesquisadores duvidam do fato de existir em todos os homens uma representação mental que culmine na construção dos Mapas Mentais. A principal crítica veio de Tuan, ao insistir que os Mapas Mentais são construções imaginárias do mundo real. Essas críticas foram contra argumentadas por Gould, Lynch, André, Baily e Nogueira, ao demonstram em suas investigações que os Mapas Mentais são representações simbólicas do real e não só do imaginário. As formas imaginárias são mais um elemento a serem interpretados na construção dos Mapas Mentais.

Na medida em que os alunos usavam a música como forma de linguagem e representação de sentimentos topofílicos ou topofóbicos em relação ao seu lugar vivido, eles compreendiam a Geografia do lugar, entendiam o significado de estudar e a finalidade do conhecimento. Muitas canções nos foram apresentadas, cada qual com sua forma única de representar o lugar-Brasil, cantado em versos ou prosas, por meio de textos musicais, transformados em canções que chegam aos ouvidos das pessoas. Muitas canções pareciam, para alguns, com as histórias de suas próprias vidas.

Concordamos com as palavras de Schaller (2005) quando diz ser a música uma canção, com objetivo de despertar sentimentos e prazeres, sendo mais que um simples conjunto de sons. Ela penetra nossa pele, provoca arrepios de prazer ou nos faz mergulhar em doces lembranças. Algumas melodias não nos tocam, enquanto outras nos atingem diretamente – e podem até mesmo transmitir significados concretos (SCHALLER, 2005).

A Geografia do Brasil que não ensinamos: o Brasil dos alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA

Ao procurarmos entender que Geografia do Brasil ensinamos, e qual Brasil os estudantes conhecem, optamos por iniciar a conversa ouvindo músicas que cantam o Brasil, e

não os textos trazidos pelos livros didáticos sobre o Brasil, assim como optamos, também, por não utilizar os Mapas do Brasil, trazidos pelo material didático. Fizemos com que os mapas do Brasil fossem uma construção dos estudantes, que o mapearia a partir dos versos da música preferida e, assim, iniciamos o diálogo. Como resultado, conhecemos um Brasil que é vivido, experienciado por milhares de brasileiros e brasileiras, que por muito tempo foram invisibilizados pelo ensino de Geografia do Brasil que ora fragmentava-o em regiões naturais e econômicas ou ora, em uma perspectiva economicista, apontada em um espaço brasileiro produzido a partir das relações sociais de produção demonstrando-nos as desigualdades regionais e sociais do país. Essas Geografias, a despeito de sua importância, fundamentaram-se em uma visão de ciência racionalista, geométrica e objetiva, afastando-se assim, do mundo da vida, desta forma, das linguagens que descrevem e representam o Brasil a partir das percepções de todos os sujeitos que experienciam e vivenciam os lugares e suas paisagens, como os poetas, compositores, músicos, artistas plásticos, trabalhadores urbanos e camponeses, velhos, crianças, jovens, que aqui foram visibilizados pelas experiências, músicas, dos trabalhadores-estudantes da EJA, apontando a possibilidade e potencialidade dessa linguagem no ensino de Geografia.

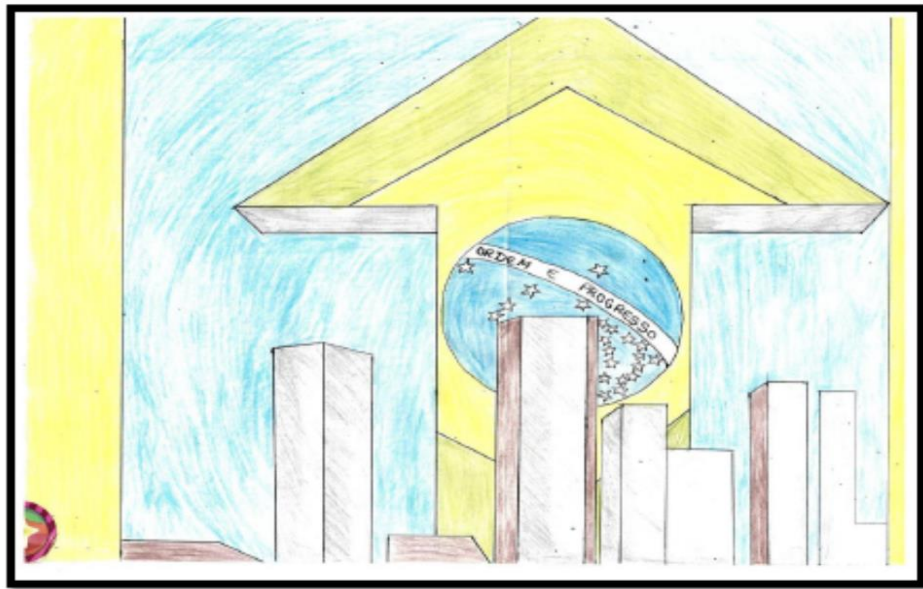
Observamos que as composições não se repetiram, revelando que cada discente mantém com o seu lugar relações intersubjetivas, que os fazem perceber e sentir o país de várias maneiras. Porém, apesar de estarem falando do seu lugar, não poupam críticas, muitas músicas indicadas contemplam relações topofílicas com os lugares, mas, também, reconhecem os problemas sociais, econômicos, políticos e culturais, problemas vividos e sentidos por cada um enquanto sujeito dos lugares.

Portanto cada discente, dos cento e vinte e cinco participantes da pesquisa, apresentaram suas canções ao pensar no seu lugar Brasil, uns de maneira local, falando sobre seu pedaço amazônico, e outros pensando no cenário político e social do ano de 2018. Como já explicamos na introdução, para essa discussão, selecionamos quatro mapas mentais com suas respectivas músicas, utilizamos como critério as faixas etárias escolhidas de forma aleatória, pois se considera que todo o material tinha importância de conteúdo, no entanto para efeito de exposição foi preciso limitar e selecionar os mapas mentais acompanhados da indicação musical, uma vez expor as músicas tomaria um espaço a mais no corpo do texto, dessa forma, para tornar acessível à escuta e conhecimento das letras musicais, indicamos em notas de rodapé os links das músicas dos estudantes “A”, “B”, “C” e “D”. Assim sendo, o primeiro mapa mental foi do estudante “A”. A música escolhida por ele como forma de

representar seu lugar-Brasil foi a do Cantor *Mc Rodolfo*, com o nome: **Vai Brasil**¹. Nas palavras do estudante esta é uma canção que fala com a alma, pois representa o seu lugar como um país de grande riqueza, com capacidade de permitir que os jovens lutem e acreditem em um lugar ao sol, com seus sonhos espelhados na riqueza do país, que pode oportunizar estudo, emprego e qualidade de vida, transformando sonhos em realidade.

Para o estudante “A”, poder expressar seus sentimentos vindo da música **Vai Brasil**, no mapa mental (1), foi perceber o lugar em uma escala Brasil, com muita riqueza, sendo a representação de Brasília, com divisões dos poderes, acreditando que diante do poder econômico é preciso “virar” a mesa e acreditar em dias melhores.

Figura 01: Mapa mental 1 – Brasil: seu poder e economia. Estudante “A”.



Fonte: as autoras (2020).

A percepção do aluno “A” está ligada à seguinte explicação: **“O Brasil neste meu desenho representa um país que mesmo com algumas desigualdades e diferenças entre classes e estados brasileiros, apresenta uma economia dividida entre os setores: primário, secundário e terciário, capaz de dá oportunidade de emprego e renda aos necessitados, penso e sinto na pele, como pode um país tão rico como o nosso, ainda ter tantas pessoas passando fome? tantas leis, regras e normas para alguns? São respostas que não consigo responder! mas as sinto e vivencio, por isso acredito que podemos sim, virar a mesa e acreditar em dias melhores”**.

Notamos que o aluno, a partir de suas experiências vividas, sente um país com divisões sociais e uma organização concentrada em setores da economia. Percebemos, no

¹ Indicamos acessar: <https://www.youtube.com/watch?v=dJDQl61OlxA>, para escuta, apresentação e letra da música: **Vai Brasil**, do cantor: *Mc Rodolfo*, usada pelo Aluno “A” na construção do seu mapa mental.

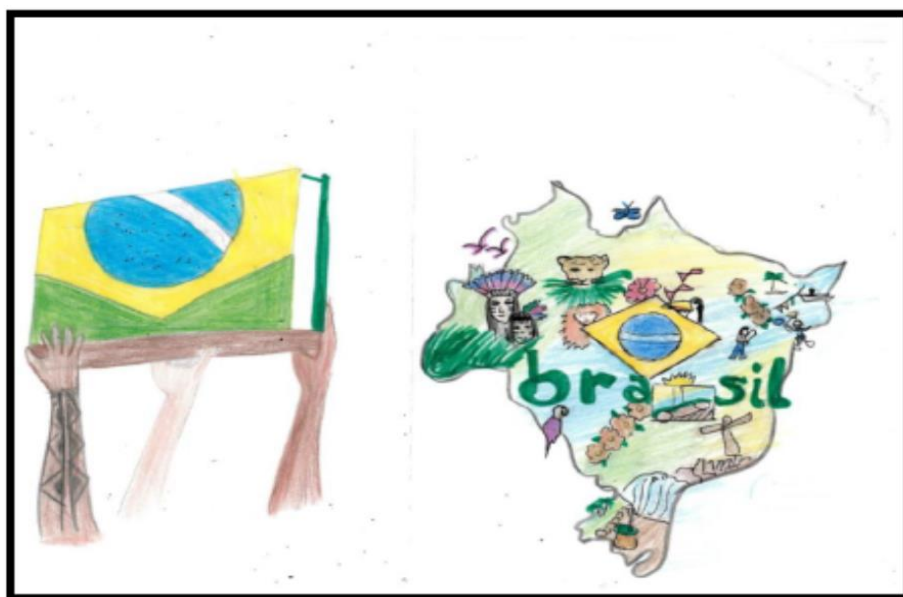
discurso do estudante, que o Brasil enquanto seu lugar precisa acreditar e ir à luta! Dizendo não à pobreza e sim às riquezas brasileiras e ao poder econômico do país, como bem expressa o estudante da EJA, nossa esperança se concentra em dias melhores.

A estudante “B”, expressou sua compreensão de Brasil com a música: **Miscigenação**², do cantor de toadas de boi-bumbá David Assayag. A estudante descreve ser a canção seu próprio eu, pois afirma ter na família uma mistura de raça, e o Brasil para ela, pode ser expresso e representado pela música “Miscigenação”, do Boi Garantido.

Essa música representa bem a fala e percepção da estudante, apresentando em versos as “misturas” e heranças culturais entre afro-ameríndios, caboclos e mestiços. Um verdadeiro batuque da miscigenação brasileira.

No mapa mental (2), a estudante “B”, baseada na música, apresenta sua percepção de um país de diversidade étnica, as várias regiões, costumes e culturas, ultrapassando as barreiras continentais.

Figura 02: Mapa Mental 2 – Brasil, nação da diversidade. Estudante “B”.



Fonte: as autoras (2020).

Em sua fala, ao representar seu país, a estudante “B” destaca: **“por ter na minha família o puro exemplo da mistura racial, sei que no meu país todos independente da cor da pele, religião ou opção de vida, tem direitos! por isso acredito fielmente que vivo na nação da diversidade”**. A aluna nasceu no interior do estado do Amazonas, e percebe o

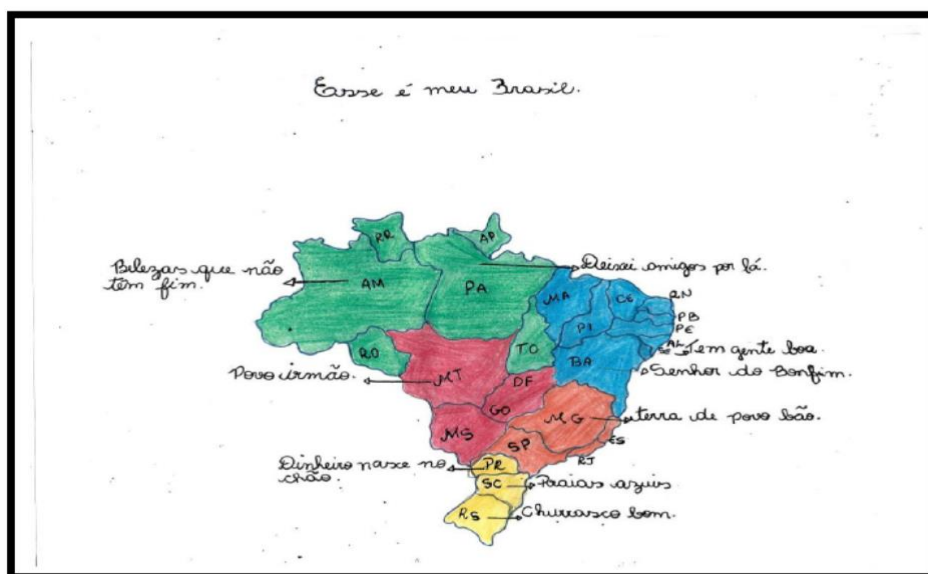
² Indicamos acessar: <https://www.youtube.com/watch?v=elhwkpsPv2s> para escuta, apresentação e letra da música: **Miscigenação**, usada pela Aluna “B”.

Brasil como seu lugar, acima de tudo como o país das raças, dando como exemplo, o que ela chama de mistura de cores na sua família.

O estudante “C”, com a música do Cantor Sérgio Reis, intitulada: **Esse é meu País**³, se sentiu retratado na música, pois ela fala de um Brasil de diferentes paisagens, o que o levou a pensar na sua experiência como caminhoneiro, pois percebia o Brasil da boleia de seu caminhão. O discente fez uma descrição a partir de sua vivência com outros Estados, atribuindo a cada uma das federações que conheceu uma característica singular.

Em seu mapa mental (3), o estudante “C” aponta um país com belezas naturais e povo acolhedor. Sentiu na música do cantor Sérgio Reis, as respostas para retratar seu sentimento, percepções e experiências vividas por ele ao viajar pelo Brasil conhecendo a sua Geografia.

Figura 03: Mapa Mental 3 – Esse é meu Brasil! Estudante “C”.



Fonte: as autoras (2020).

Como caminhoneiro o estudante “C” fez a seguinte descrição: **“pra mim em cada estado do Brasil existe uma característica única, no Amazonas temos belezas naturais que não tem fim, no Pará deixei amigos por lá, em Sergipe tem gente boa, Minas Gerais: Terra do povo bom, em Santa Catarina: praias azuis, Rio Grande do Sul: churrasco bom, Paraná: dinheiro nasce no chão e Mato Grosso: povo irmão”**. Na explicação e representação do mapa mental (3), apresentou a experiência vivida em sua relação com o Brasil, enquanto seu lugar como trabalhador caminhoneiro. Acreditamos que o estudante demonstrou facilidade em fazer a descrição do país, porque como bem exprime Dardel (2011,

³ Indicamos acessar: <https://www.lettras.mus.br/sergio-reis/esse-e-meu-brasil/>, para escuta, apresentação e letra da música: **Esse é meu Brasil**, do Cantor Sérgio Reis, usado pelo estudante “C”, para produção do seu mapa mental.

p. 8) a palavra só é “vasta”, a montanha só é alta, a partir da escala humana. Sendo assim, o Brasil, na descrição do aluno, é seu país e seu lugar a partir do experimentado por este enquanto caminhoneiro.

Após o relato e representação em mapa mental do estudante “C”, nos deparamos com a apresentação da música: **Pra Cima Brasil**⁴, do Cantor João Alexandre. Essa canção foi escolhida pelo estudante “D”, que afirmou ter pensado nessa música como forma de indagar como será o futuro da nação brasileira. Procurou mostrar isso por meio do seu mapa mental (mapa 4), a partir de uma dualidade com divisões de classes sociais e riquezas mal distribuídas.

No mapa mental (4), equivalente à música Pra Cima Brasil, escolhida pelo estudante “D”, o Brasil é percebido como um país com muita riqueza e com dualidades. Em que de um lado tem grande quantidade de recursos naturais; do outro, a retirada desses recursos para a construção das cidades, divididas entre os que têm o maior e o menor poder aquisitivo, e os que residem em condomínios e favelas. Como bem indaga o estudante, onde andar­á a justiça outrora perdida?

Figura 04: Mental 4 – O dualismo brasileiro. Estudante “D”.



Fonte: as autoras (2020).

Nas palavras do estudante “D”, temos: **“A música e minha representação demonstram como vejo o Brasil. No lado direito, uma divisão social, com poluição e destruição da natureza. Do lado esquerdo, uma beleza natural que o Brasil tem de sobra. O dualismo no meio representa o país cheio de pessoas de várias nacionalidades,**

⁴ Indicamos acessar: <https://www.letras.mus.br/joao-alexandre/46505/> para escuta, apresentação e letra da música usada pelo aluno “D” para produção do seu mapa mental 4

de cores diferentes e que ao mesmo tempo é uma união de todos na busca de equilibrar desenvolvimento versus conservação do espaço”.

As músicas indicadas pelos estudantes da EJA geraram a produção de mapas mentais elaborados a partir da percepção de cada discente que representou o Brasil e suas diferentes faces, expressos por meio dos elementos da natureza, das paisagens, das regiões, da economia, da política e cultura. Observamos que estas representações mentais foram carregadas de sentimentos e observações feitas a partir do vivido no lugar Brasil, variando conforme as idades e experiências posteriores ou atuais, tendo na música um meio de comunicação que facilitou a linguagem e mexeu com as emoções e os sentidos desses estudantes. Portanto, a música contemplou essa dinâmica do ver, entender e sentir. Conforme destaca Santos e Benaduce (2013):

[...] devemos despertar o espírito crítico que adormece em nossos educandos, caminhando de forma conjunta para um novo patamar, onde o discente se veja como ser atuante no espaço. Para isso, devemos contemplar a Ciência Geográfica que concatena em sua essência o ato de transformar – o olhar sobre o espaço e o modo de intervenção no mesmo – (SANTOS; BENADUCE, 2013, p. 143).

Cavalcanti (1998) escreve que o desenvolvimento de mapas mentais objetiva avaliar o nível da consciência espacial dos alunos, ou seja, entender como compreendem o lugar que vivem. Nesse sentido, entendemos serem estes os valores previamente desenvolvidos pelos alunos e uma forma de avaliar a imagem que têm do seu lugar, como resultado da percepção do indivíduo em seus múltiplos sentidos (tocar, ouvir, cheirar, experimentar) e da experiência cotidiana com os lugares (GOULD; WHITE 2002). Para a americana Bárbara Petchenik, os mapas mentais não são simplesmente arranjos de mapas Cartográficos, eles vão muito além do que se pode observar através do olhar, é uma “representação” integrada multimodal, englobando várias representações que ajudam a interpretar a realidade ao redor.

Nesse contexto de elaboração dos mapas mentais, tomando-se como referência a música, a subjetividade no ambiente educativo é fundamental. Isso pode ser praticado por meio da percepção individual e das representações, juntamente com teorias educacionais e outras elaborações que evocam a emoção, a estética e a criatividade no processo de ensino-aprendizagem, enfocando os saberes geográficos no cotidiano do educando, sendo a música a representação do real, guardada na percepção de cada aluno. Percebemos que, no ensino de Geografia, a música está para além de um recurso didático, ela é uma linguagem que expressa às percepções dos sujeitos sobre diversos fenômenos, dentre eles, as paisagens dos lugares, sejam elas ambientais, sociais ou simbólicas. Sendo assim, como as demais artes, possui a

capacidade de expressar visões diversas de mundo e, como uma produção cultural, pode ser vista e compreendida a partir da ótica da espacialidade (CORREA, 2009).

Últimas palavras...

As reflexões apresentadas neste estudo nos revelaram a possibilidade do diálogo entre ciência e o mundo vivido e sentido pelos sujeitos que o experienciam. Na experiência com os lugares, aprendemos e sentimos as relações dos estudantes com diversos estilos e culturas musicais ao transcender e pensar no seu lugar Brasil. Esse poder da música nos foi nítido, uma vez que notamos se fazer presente uma Geografia que se ensina (Geografia escolar) e uma Geografia que se vive, manifestadas aqui, na linguagem e na representação gráfica em forma de mapas mentais.

Assim, fazemos nossas as palavras de Merleau-Ponty (1999, p. 3), quando expressa: “se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo, pois a ciência não tem e jamais terá o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma explicação dele”.

Desta forma, diferentemente do modelo “conteudista”, procuramos neste estudo valorizar a relação do estudante com o seu lugar, tendo a música para além de um recurso didático, que potencializou a descrição e representação desses sujeitos ao perceberem o Brasil.

Afirmamos esse resultado por termos observado que as canções citadas pelos estudantes – estes considerados como sujeitos pensantes em relação ao seu lugar – fizeram com que eles sentissem o ambiente a sua volta, como elo de experiências, de vivências topofílicas e até mesmo topofóbicas, sendo resultado de um conjunto de sensações e de significados conscientizados e moldados pelas circunstâncias econômicas, sociais e culturais.

Logo, a música é uma linguagem que descreve histórias e lugares de vida de muitos sujeitos que, por sua vez, se sentem, se veem e se compreendem no mundo por meio de letras e sons trazidas por elas. Portanto, pode vir a contribuir na produção do conhecimento geográfico sobre lugares, paisagens, territórios e regiões, equilibrando os conhecimentos vividos e produzidos na relação entre razão e emoção.

Referências

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. Campinas, SP: Papyrus, 1998.
- CANDÉ, Roland de. *História universal da música—volume I*. Tradução Eduardo Brandão; revisão da tradução Marina Appenzeller. SP: Martins Fontes, 1994.
- CORREA, Roberto. Cinema, Música e Espaço: uma introdução. In: ROSENDAHL, Zeny (Org.). *Cinema, música e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009, p. 7-14.
- DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FERREIRA, Manuel Nunes. *A música como recurso didático na aula de Geografia*. Monografia (Bacharelado e Licenciatura em Geografia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- GOULD, Peter; WHITE, Rodney. The images of places. In: GOULD, Peter; WHITE, Rodney. *Mental maps*. 20 Edição. Londres: Taylor & Francis, 2002, p. 1-30.
- HOLZER, Werther. O lugar na Geografia Humanista. *Revista Território*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 7, p. 67-78, 1999.
- LOUREIRO, Alicia Maria Almeida. *O ensino da música na escola fundamental*. Campinas, SP.: Papyrus, 2003.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MELLO, João Baptista Ferreira de. *O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira –1928/1991—uma introdução à Geografia humanística*. 1991. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.
- NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. *Percepção e representação gráfica: A Geograficidade nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas*. Manaus: Edua, 2014.
- PAHLEN, Kurt. *História universal da música*. Buenos Aires: Centurion, 1965.

SANTOS, Leonardo Pinto dos; BENADUCE, Gilda Maria Cabral. Números não dão bons poemas: um discurso utópico, um espaço de amorosidade, uma educação libertária – a experiência do Subprojeto PIBID Geografia/UFMS. *Observatorium: revista Eletrônica de Geografia*, v.5, n.13, p. 141-150, jun. 2013.

SCHALLER, Katrin. Acordes curativos. *Viver Mente & Cérebro: revista de psicologia, psicanálise, neurociências e conhecimento*, São Paulo, p. 64-69, jun. 2005.

TUAN, Yi Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Yi Fu. *Espaço e lugar a perspectiva da experiência*. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

Amélia Regina Batista Nogueira

Possui graduação em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas (1987), graduação em Serviço Social pela Universidade Federal do Amazonas (1990), mestrado em Geografia (Geografia Física) pela Universidade de São Paulo (1994) e doutorado em Geografia (Geografia Física) pela Universidade de São Paulo (2001). Atualmente é professora Titular da Universidade Federal do Amazonas. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Humanista Cultural e Ensino de Geografia, atuando principalmente nos seguintes temas: Mapas mentais como representação dos mundos vividos; Ensino de Geografia, Geografia e abordagens fenomenológicas.
Endereço Profissional: Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Ciências Humanas e Letras, Departamento de Geografia. Av. Gen. Rodrigo Otávio Jordão Ramos, 3000, Aleixo.
E-mail: ab.nogueira@uol.com.br

Eluana Carvalho da Silva

Mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Pós- Graduação em Orientação Educacional e Pedagógica (AVM Educacional). Pós Graduação em Metodologia do Ensino de Geografia (AVM Educacional). Graduada em Geografia (UFAM). É professora estatutária da Secretária de Estado de Educação e Qualidade do Ensino (SEDUC). Têm experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Humana e Ensino.
Endereço Profissional: Secretaria de Educação do Estado do Amazonas. Rua Horlelã, João Paulo II, 69088465 - Manaus, AM – Brasil.
E-mail: eluana_carvalho@hotmail.com

Recebido para publicação em 08 de abril de 2021.
Aprovado para publicação em 09 de junho de 2021.
Publicado em 11 de junho de 2021.